

FORMAÇÃO TÉCNICA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REFLEXÕES DE UMA PRÁTICA DOCENTE.

Queila Carla Ramos da Silva Alcantara ¹; Ana de Kássia da Silva ²; Gustavo Bruno Alcantara de Lima ³; Sebastião Soares de Lyra Netto ⁴; Rossana Carla Rameh de Albuquerque ⁵

¹Enfermeira. Mestranda em Educação e saúde. Hospital das Clínicas/PE. Recife (PE), Brasil.
E-mail: queilajc@gmail.com

² Enfermeira. Mestranda em Educação e saúde. Hospital Correia Picanço. Recife (PE), Brasil
E-mail: kassialyra@hotmail.com

³Bibliotecário. IFPE. Recife (PE), Brasil (PE), Brasil E-mail: gubralima@hotmail.com

⁴ Licenciado em Física. Engenharia de Produção. Mestrando em Educação e saúde. PE- Brasil
E-mail: sebastiao.netto@gruppomg.com.br

⁵Doutora em Saúde Coletiva. Instituto Federal de Ciências e Tecnologias de PE. IFECT. Recife (PE), Brasil
E-mail: rorameh@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estágio Supervisionado é um procedimento didático-pedagógico integrativo ao currículo de um curso. O estágio promove o conhecimento a partir das vivências em diferentes práticas, favorecendo o exercício das ações para consolidar o aprendizado anterior, com oportunidade da integração teórico-prático, com conceitos interligados a realidade do curso (BRUM, 2017). É exigido pela Lei 9394/96 LDB, onde os sistemas de ensino estabelecem as normas para realização com carga horária mínima no currículo, devendo executar habilidades e atitudes necessárias ao exercício profissional (BRASIL, 2003). É nesse período de aprendizagem que se consolida o aprendizado para formar profissionais mais capacitados e prepará-los para enfrentar o mercado de trabalho. Daí o valor do estágio ser a “essência que gera conhecimento, o motivador que produz o desenvolvimento da prática pedagógica” (BRUM, 2017).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e Cultura, o Estágio Supervisionado promove integração do conhecimento a partir das vivências em diferentes práticas, favorecendo o exercício das ações de cuidar/cuidado para a consolidação do aprendizado anterior (BRASIL, 2018).

Atualmente é o citopatologista, o profissional responsável pela análise de laboratório das lâminas do teste de Papanicolaou, onde desde 2011 foi alterada a nomenclatura de citotécnico para técnico em citopatologia (FIOCRUZ, 2017) sendo esta a mesma formação dos alunos deste campo de estágio. Durante a formação técnica é este profissional que realiza “ações e procedimentos de citologia, além de ações educativas, promoção da saúde, prevenção de agravos e tratamento de doenças” (INCA, 2012).

Em estudos de mapeamento dos trabalhadores de nível técnico, Teixeira (2012), percebeu que dentre 10.372 trabalhadores que realizavam exames citopatológicos: 57 % tinham nível superior, 31% nível técnico e apenas quatro alunos tinham formação em citopatologia o que levar refletir a importância de ter novas formações nessa área técnica onde necessitam de capacitação e certificação.

Apesar de existir um quantitativo reduzido de cursos e instituições formadoras é possível refletir que a abrir novas turmas sem produzir aprendizagem significativa não produz

qualidade ao final sendo necessário que a formação seja qualificada. Compreende-se que é através das atividades como estagiário que os profissionais adquirem compreensão e amadurecimento de suas práticas, olhar atento a todas as percepções para realizar descrições dentro da realidade mais próxima possível sobre o campo de prática representado de forma descrita, reproduzida por fazer sentido, para os estagiários, inferido em suas palavras ou expressões que aparecem explícita ou implicitamente nas entrevistas e relatórios, sendo expressivo perceber e promover sentido e significado às ações.

Segundo Macedo (2011), a importância da formação técnica amplia o desenvolvimento e fortalece as capacidades individuais e coletivas, provocando o “desenvolvimento de tecnologias que orientam, não apenas a relação entre profissional e usuário, mas o trabalho e o desempenho da equipe de saúde, em qualquer nível” (MACEDO, 2011).

Pensar sobre a educação permanente onde ao mesmo tempo sendo um processo contínuo, integrados ao processo de ensino ao mesmo tempo tem sentido e lados opostos mas é preciso fazer essa interlocução na prática, como afirma Ferreira (2016), ao referir que “a Educação Permanente é definida como uma estratégia que busca pelo desenvolvimento de pessoas para alcançar os objetivos da instituição, enquanto que a educação continuada é uma atividade de ensino após a formação inicial e tem por objetivo a atualização”.

A EPS está presente no cotidiano do trabalhador quando se percebe um agente transformador no trabalho onde suas ações atuam em reflexões e melhorias no serviço. A problematização tem o poder de gerar mudança através da nas práticas geradas pelo processo ensino-serviço, e assim contribuir com a melhoria da atenção à saúde pelos serviços de saúde. Dentro do processo de estágio a Educação Permanente em Saúde (EPS) é considerada uma “proposta ético-político-pedagógica que visa transformar e qualificar a atenção à saúde, os processos formativos, as práticas de educação em saúde, além de incentivar a organização das ações e dos serviços numa perspectiva intersetorial” (BRASIL, 2004).

Para Ceccin & Feuerwerker (2004), a produção de conhecimento dar-se pelo campo de prática de ensino e aprendizagem onde é pelo dia a dia que as situações novas são problematizadas provocando novas experiências. A aplicação prática no processo de ensino independente de qual seja a área é um ato transformador pois produz no campo de ensino a reflexão de ações de melhorias que qualificam a assistência.

Partindo desse princípio em que a construção das ações educativas produz transformações permanentes no cotidiano dos trabalhadores onde o fazer diferente se torna diferenciado e destaca o potencial da cada indivíduo, como afirma Mehry (2014), onde enquanto trabalhador é possível mudar o ponto de vista, e que o olhar “amplia nosso modo de enxergar a produção de mundos e a potência de suas diferenças”.

Pascoal, Mantovani e Méier (2009), refletem que a educação permanente requer um compromisso de cada um para ser aprendido e conquistado pelas mudanças de atitude que são inerentes às experiências vivenciadas.

O processo educativo produz oportunidade de transformar a si e o outro no empoderamento como reproduz Freire (2004) apud Kleba (2016), em que “contribuir para a ampliação da autonomia e o empoderamento das pessoas requer ações e processos educativos autênticos, que oportunizem as pessoas assumirem a condição de sujeitos criativos, capazes de transformar a realidade e, a partir dessa transformação, transformar a si mesmos”. Neste sentido é onde as pessoas podem ser ativas no processo como destaca Freire (2001) sobre intervir favoravelmente pelas condições que oprimem à medida que toma consciência sobre a realidade a ser transformada que pode agir e transformar”.

A educação permanente nesse contexto adota uma perspectiva de aprendizagem em que o “trabalho, produção, educação em saúde parte de uma situação problema e se dirige a superá-la, mudá-la e transformá-la” (HADDAD, QJ; ROSCHKE, MAC; DAVINI, MC; 1994). Sendo isso um referencial para processo ativo no ensino serviço ser uma ideologia a ser buscada e

aplicada, tornando o trabalho fazer sentido e produzir mudança nas ações cotidianas, tornando a EPS ser uma referência em transformação.

E baseando nisso que a Educação permanente conforme destaca Sarreta (2009), que também produz um “Exercício do diálogo, integração, participação, troca de experiências e de conhecimentos e a busca de respostas e soluções coletivas para problemas que impedem a atenção integral e de qualidade (...) estimula a formação e o desenvolvimento de profissionais” e que tudo isso visa produzir um serviço público de qualidade.

Pensando nisso é provável que nos dias atuais os profissionais atuem em diversas funções e muitas delas sem formação adequada, por vezes ainda falta de competência técnica e profissional. Desta forma, o estudo objetivou descrever a percepção dos alunos sobre o estágio como facilitador do processo de formação técnica embasado na Educação Permanente e especificamente, e relatar os pontos de vistas de acordo com os conceitos e práticas da EPS.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa aborda o método descritivo com abordagem qualitativo e quantitativa. O estudo teve como objeto os relatórios dos alunos do curso de citopatologia da ESPPE de um grupo em que todos os que realizaram o estágio supervisionado construíram seus relatórios e atuaram em seis laboratórios estaduais e municipais na região metropolitana do Recife, sem critérios de exclusão sendo a amostra composta por doze relatos.

Os dados foram secundários disponibilizados pela ESPPE e o relatório descreveu as atividades durante o estágio bem como seus pontos de vista. Os relatos foram tabulados em excel, organizados e analisados de acordo com as categorias temáticas para descrever melhor seus comentários a respeito do estágio e as contribuições para o processo de formação do curso técnico em citopatologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos dos alunos trouxeram considerações tendo em vista que o processo de estágio embasa a formação do profissional. A experiência do estágio oportuniza o sujeito aprender a ensinar, a se relacionar, a construir um saber pessoal, pois “ninguém é capaz de produzir uma definição de saber que satisfaça todo mundo, assim como que é no “dia a dia do trabalho que se está permanentemente produzindo conhecimento” (MERHY, 2015; TARDIF, 2002).

Dentre os alunos, foi observado que conseguem alguns percebem a EPS (66%) embora não destacam o seu conceito consideram que tem um vínculo entre as atividades que realizam no dia a dia e faz uma relação com o processo de formação. Se a EPS reflete a possibilidade de uma aprendizagem capaz de transformar as práticas sendo perceptível por um grupo de alunos quando elogiam a estrutura curricular e a proposta pedagógica “aprendendo no contexto da EPS”. Mencionam ainda que suas práticas foram aprimoradas ao final da prática vivenciada. Destaca a percepção sobre o aluno ser trabalhador e já conhecedor da sua função onde encontra-se realizando o curso para obter um certificado, enquanto o notório saber já se encontra no cotidiano de suas práticas precisando ser aprimoradas e despertadas para o processo de transformação. O trabalho apontou que quando se problematiza na prática e há questionamentos pode transformar o outro simplesmente pelo incômodo, que gera a mudança por perceber a insatisfação do sistema ou ambiente laboral que produz a busca por melhorias e assim tornar o profissional ser mais produtivo.

Existem considerações diversas dos alunos para qualificar o tipo de ação educativa onde a educação permanente realiza esforços para modificar o ambiente de trabalho e produz sentido na aplicação; alguns consideram e refletem que o que estavam produzindo no estágio a educação do tipo continuada que seriam atividades que produzem conhecimentos que nem

sempre é interligado ao trabalho e sim o mero desejo de aprender um conteúdo sem estar relacionado a sua prática em si. Portanto a EPS se propõe a desenvolver um papel intensificado, ativo “mais significativo, tendo a experiência prévia do sujeito superior aos modelos tradicionais” (BRASIL, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é um campo de prática muito importante pois é nesse período de aprendizagem em campo que se consolida o aprendizado teórico para formar profissionais mais capacitados e prepará-los para enfrentar o mercado de trabalho, que se encontra cada vez mais competitivo. Ficou perceptível que o estágio supervisionado na escola de saúde pública utiliza a EPS como base para a formação técnica desses trabalhadores sendo referência para qualificação provocando reflexão sobre as práticas de ensino aprendizagem. As vivências vêm reforçar o ponto de vista de um educando em formação profissional, suas necessidades e expectativas superadas na prática, pontuando terem sido mais qualificados, capazes de identificar e discutir os processos à sua formação técnica. Ainda existe a necessidade de novos estudos nessa ótica e que as instituições formadoras reflitam sobre as práticas de ensino-serviço onde fortalecer esse tipo de formação é essencial, e é nisso que a Educação Permanente encontra força nas práticas do trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos. Educação Permanente em Saúde: um movimento instituinte de novas práticas no Ministério da Saúde: Agenda 2014. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. LEI 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 30 ago. 2018

BRASIL. Ministério De Educação. Catálogo Nacional De Cursos Técnicos. Disponível em: <http://pronatec.mec.gov.br/cnct/perguntas_frequentes.php>. Acesso em: 2 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de gestão da Educação na Saúde. Política de educação e desenvolvimento para o SUS: caminhos para a educação permanente e pólos de educação permanente em saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.

BRUM, Basilio Cilenio Martins; FREITAS, Maria Cecilia Martinez Amaro. Contribuições do estágio na formação docente em pedagogia do centro universitário de anápolis: uma visão discente. Revista Educação & Mudança, v. 2, n. 32, p. 01-15, 2017.

CECCIM, Ricardo Burg; FEUERWERKER, Laura C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. Physis [online]. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2004.

FERREIRA, Elisangela Aparecida Ludovico. Educação permanente e continuada: é uma realidade nos serviços de saúde. Sínteses: Revista Eletrônica do SIMTEC, v. 4, n. 4, p. 318-318, 2016.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro; 2001.

FIOCRUZ. Técnico em citopatologia. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

HADDAD QJ, ROSCHKE MAC, DAVINI, MC. Educacion Permanente de Personal de Salud. Washington: OPS; 1994

HENRIQUES, Alexandre Cruz et al. Colecistectomia videolaparoscópica ambulatorial. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, v. 28, n. 1, p. 27-29, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcbc/v28n1/05.pdf>> acesso em: 20 de ago.2018.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Coordenação Geral de Prevenção e Vigilância. Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. Manual de gestão da qualidade para laboratório de citopatologia Rio de Janeiro: Inca, 2012.

KLEBA, Maria Elisabeth et al. Trilha interpretativa como estratégia de educação em saúde: potencial para o trabalho multiprofissional e intersetorial. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 20, p. 217-226, 2015.

MACEDO, Bruno Costa de. Política Nacional de Educação em saúde: a experiência de Pernambuco. Recife: [s.n.], 2011. Disponível em:<<http://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2010macedo-bc.pdf>>. Acesso em: 1 set. de 2018.

MERHY, Emerson Elias. Educação Permanente em Movimento: uma política de reconhecimento e cooperação, ativando os encontros do cotidiano no mundo do trabalho em saúde, questões para os gestores, trabalhadores e quem mais quiser se ver nisso. Saúde em Redes, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://revista.redeunida.org.unida/article/view/309>>. Acesso em: 01 set. 2018.

MERHY, Emerson Elias. Educação Permanente em Movimento- uma política de reconhecimento e cooperação, ativando os encontros do cotidiano no mundo do trabalho em saúde, questões para os gestores, trabalhadores e quem mais quiser se ver nisso. Saúde em Redes, v. 1, n. 1, p. 07-14, 2014.

PASCHOAL, Amarilis Schiavon; DE FÁTIMA MANTOVANI, Maria; MÉIER, Marineli Joaquim. Percepção da educação permanente, continuada e em serviço para enfermeiros de um hospital de ensino. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 41, n. 3, p. 478-484, 2007. SARRETA, F. O. Educação permanente em saúde para os trabalhadores do SUS. 2009.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Vânia Maria Fernandes et al. Mapeamento dos trabalhadores de nível técnico na área de citotecnologia no Brasil. Rev Bras Cancerol, v. 58, n. 4, p. 663-73, 2012.